

Ciências da Saúde: Teoria e Intervenção

Marileila Marques Toledo
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

Ciências da Saúde: Teoria e Intervenção

Marileila Marques Toledo
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	<p>Ciências da saúde [recurso eletrônico] : teoria e intervenção 1 / Organizadora Marileila Marques Toledo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-011-7 DOI 10.22533/at.ed.117202304</p> <p>1. Ciências da saúde – Pesquisa – Brasil. 2. Saúde – Brasil. I. Toledo, Marileila Marques.</p> <p style="text-align: right;">CDD 362.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Ciências Saúde: Teoria e Intervenção” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos, alicerçados teoricamente, para a construção do conhecimento, de forma a contribuir para intervenções transformadoras neste campo.

A intenção do livro é apresentar a pluralidade de teorias e de intervenções de forma didática e útil aos vários profissionais, pesquisadores, docentes e acadêmicos da área da saúde. Trata-se de um compilado de cento e dois artigos de variadas metodologias e encontra-se estruturado em cinco volumes.

Neste primeiro volume estão apresentados 19 capítulos referentes às publicações que englobam temas relacionados às doenças infecciosas, infectocontagiosas e parasitárias, além daqueles relacionados à saúde ocupacional.

Deste modo, esta obra apresenta resultados teóricos bem fundamentados e intervenções realizadas pelos diversos autores. Espera-se que este e-book possa contribuir para uma atuação mais qualificada nas ciências da saúde.

Uma ótima leitura a todos!

Marileila Marques Toledo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INFLUÊNCIA DA COBERTURA VEGETAL NA CIRCULAÇÃO DE MALÁRIA EM CINCO MUNICÍPIOS DO RIO DE JANEIRO, BRASIL	
Livia dos Santos Abdalla Eduardo Krempser Marcia Chame	
DOI 10.22533/at.ed.1172023041	
CAPÍTULO 2	10
A SAÚDE DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DO JETIBÁ- ES: UM ESTUDO SOBRE A ESQUISTOSSOMOSE	
Glauciomar Buss Erica Duarte-Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1172023042	
CAPÍTULO 3	27
ACIDENTES DE TRABALHO COM MATERIAIS PERFUROCORTANTES ENTRE OS MEMBROS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DO PRONTO-SOCORRO E CENTRO CIRÚRGICO DO HOSPITAL REGIONAL DE TUCURUÍ-PA	
Caroline Lima Garcia Brenda Crystina de Araújo Silva José Benedito dos Santos Batista Neto Franck Charles Carvalho da Silva Benedito do Carmo Gomes Cantão Anderson Bentes de Lima Herberth Rick dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1172023043	
CAPÍTULO 4	36
AGROTÓXICOS: RISCOS E IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DA POPULAÇÃO DO VALE DO RIBEIRA/ SP	
Fagner Evangelista Severo Aurélio Moschin Maria Cristina Pereira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.1172023044	
CAPÍTULO 5	42
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE <i>BURNOUT</i> E <i>HARDINESS</i> NA ÁREA DA ENFERMAGEM	
Rodrigo Marques da Silva Laura de Azevedo Guido Cristilene Akiko Kimura Carla Chiste Tomazoli Santos Clezio Rodrigues de Carvalho Abreu Amanda Cabral dos Santos Ana Lúcia Mendonça Santos Ihago Santos Guilherme Mayara Cândida Pereira Osmar Pereira dos Santos Débora Dadiani Dantas Cangussu	
DOI 10.22533/at.ed.1172023045	

CAPÍTULO 6 49

ANÁLISE DO USO DE ANTIDEPRESSIVOS E PSICOESTIMULANTES E SEUS EFEITOS SOBRE ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DA REGIÃO NOROESTE DO PARANÁ

Márcio Luis Velter Filho
Giovana Sperandio
Emilene Dias Fiuza Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.1172023046

CAPÍTULO 7 65

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO SONO E VOZ EM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE LONDRINA

Fernanda Prates Cordeiro
Caroline Meneses Barrivieira
Luciana Lozza de Moraes Marchiori
Arthur Eumann Mesas

DOI 10.22533/at.ed.1172023047

CAPÍTULO 8 71

AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA DE OSTRAS (*Crassostrea gigas*) *in natura* DA REGIÃO LITORÂNEA DE SÃO LUIS- MA

Olivia Andreia Costa Asevedo
Gustavo Oliveira Everton
Rafael Gustavo de Oliveira Carvalho Júnior
Amanda Mara Teles
Adenilde Nascimento Mouchrek
Victor Elias Mouchrek Filho
Laiane Araújo da Silva Souto
Mariana Oliveira Arruda
Keyson Karlany Silva Ferreira
Paulo Victor Serra Rosa

DOI 10.22533/at.ed.1172023048

CAPÍTULO 9 80

CARACTERÍSTICAS DE PAISAGEM ASSOCIADAS À OCORRÊNCIA DE CARRAPATOS VETORES DE FEBRE MACULOSA BRASILEIRA

Thiago Bernardo-Pedro
Andrea Kill Silveira

DOI 10.22533/at.ed.1172023049

CAPÍTULO 10 93

CONTROLE DE RISCO OCUPACIONAL PARA ANESTESIA HOSPITALAR

Caroline Jede de Marco
Thomas Normanton Guim
Martielo Ivan Gehrcke
Mário de Castro Magalhães Filho
Joseana de Lima Andrades
Gustavo Antonio Boff
Bruna dos Santos Pires
Liliane Cristina Jerônimo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.11720230410

CAPÍTULO 11 103

MELATONINA E SENESCÊNCIA: EFEITOS IMUNOMODULADORES DURANTE A INFECÇÃO EXPERIMENTAL POR *trypanosoma cruzi*

Vânia Brazão
Fabricia Helena Santello
Rafaela Pravato Colato
José Clóvis do Prado Jr

DOI 10.22533/at.ed.11720230411

CAPÍTULO 12 117

MENINGITE MENINGOCÓCICA: PRINCIPAIS ASPECTOS

Lenara Pereira Mota
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas
Rafael Everton Assunção Ribeiro da Costa
Andréa Pereira da Silva
Denilson de Araújo e Silva
Hisla Silva do Nascimento
Verônica Moreira Souto Ferreira
Andre Luiz Monteiro Stuani
Raimundo Nonato de Freitas Moreira Junior
Aline Maria Rocha de Araújo
Amanda Freitas de Andrade
Hudson Lima Piastrelli
Rai Pablo Sousa de Aguiar
Palloma Parry Carneiro
Francilene Vieira da Silva Freitas
Sâmia Moreira de Andrade
Janaina de Oliveira Sousa

DOI 10.22533/at.ed.11720230412

CAPÍTULO 13 123

PERFIL MICROBIOLÓGICO DE CARNES CAPRINAS COMERCIALIZADAS EM CARUARU-PE

Agenor Tavares Jácome Júnior
Gabrielle Yasmim Duvaisen Vasconcelos Gomes
Adriana Karla de Lima Brito

DOI 10.22533/at.ed.11720230413

CAPÍTULO 14 133

PREVALÊNCIA DE DOR LOMBAR NA EQUIPE DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL ESTADUAL

Francisco das Chagas Araújo Sousa
Nara Karina Sales de Oliveira
Flavio Ribeiro Alves
Renan Paraguassu de Sá Rodrigues
Andrezza Braga Soares da Silva
Laecio da Silva Moura
Jefferson Rodrigues Araújo
Elzivania Gomes da Silva
André Braga de Souza
Samara Karoline Menezes dos Santos
Anaemilia das Neves Diniz
Kelvin Ramon da Silva Leitão
Germana de Alencar Maia Luz

DOI 10.22533/at.ed.11720230414

CAPÍTULO 15 154

RECEPÇÃO DE CAMPANHAS AUDIOVISUAIS DE SAÚDE NO BRASIL: UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO NO CONTROLE DO *aedes aegypti*

Ádria Jane Albarado
Ana Valéria Machado Mendonça
Elizabeth Alves de Jesus
Natália Fernandes
Priscila Torres Brito
Maria Fátima de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.11720230415

CAPÍTULO 16 170

REDES VIRTUAIS DE APOIO PARA MÃES DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM MICROCEFALIA

Nathália Soares de Oliveira
Andresa de Melo Macedo
Rossana de Vasconcelos Pugliese Vito

DOI 10.22533/at.ed.11720230416

CAPÍTULO 17 182

RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ANÁLISE DE ÁGUA DO RIO IPOJUCA NA CIDADE DE CARUARU AGRESTE PERNAMBUCANO – PAA

Agenor Tavares Jácome Júnior
Gabrielle Yasmim Duvaisen Vasconcelos Gomes
Maria Aduclécia de Lima

DOI 10.22533/at.ed.11720230417

CAPÍTULO 18 188

SENTIMENTOS DE MULHERES QUE TIVERAM CRIANÇAS COM MICROCEFALIA

Luana Silva de Sousa
Fabrícia Araújo Prudêncio
Jefferson Abraão Caetano Lira
Amanda Karoliny Meneses Resende
Jéssyca Fernanda Pereira Brito
Larissa da Silva Sampaio
Marcília Soares Rodrigues
Ananda Carolina Barbosa da Silva
Maria Rita Dias Sousa
Camila Isnaide Pimentel Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.11720230418

CAPÍTULO 19 201

SÍNDROME DE *BURNOUT* EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE LAGARTO/SE

Clésio Andrade Lima
Ana Clécia Alves dos Santos
Jymmys Lopes dos Santos
Lucas Souza Santos
Ricardo Aurélio Carvalho Sampaio
Dilton dos Santos Silva
Antenor de Oliveira Silva Neto
Iara Samir Santana
Lúcio Marques Vieira Souza

DOI 10.22533/at.ed.11720230419

SOBRE A ORGANIZADORA.....	212
ÍNDICE REMISSIVO	213

ANÁLISE DO USO DE ANTIDEPRESSIVOS E PSICOESTIMULANTES E SEUS EFEITOS SOBRE ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE DA REGIÃO NOROESTE DO PARANÁ

Data de aceite: 02/04/2020

Data de Submissão: 03/01/2020

Márcio Luis Velter Filho

Acadêmico do curso de Medicina, Centro
Universitário de Maringá – UNICESUMAR.
Maringá-PR

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7210214049856809>

Giovana Sperandio

Acadêmica do curso de Medicina, Centro
Universitário de Maringá – UNICESUMAR.
Maringá-PR

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2281653108227731>

Emilene Dias Fiuza Ferreira

Orientadora, Doutora, Professora do Curso de
Medicina do Centro Universitário de Maringá –
UNICESUMAR.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3688904355494367>

RESUMO: INTRODUÇÃO: A vida universitária dos estudantes de medicina vem carregada de uma série de mudanças que acarretam em alto nível de estresse e, para conseguir vencer os deveres impostos pela faculdade aliado ao perfeccionismo do próprio estudante, muitos recorrem ao uso de antidepressivos e psicoestimulantes. OBJETIVO: Este estudo trouxe como meta principal verificar

a frequência dos principais medicamentos utilizados, das causas e consequências do uso de antidepressivos e psicoestimulantes entre estudantes de medicina de uma universidade do noroeste do Paraná. METODOLOGIA: Baseada em uma amostra de 96 alunos do primeiro ao oitavo semestre, foi aplicado um questionário online com variáveis sócio comportamentais e educacionais com avaliação estatística usando o teste do Qui-Quadrado considerando $p < 0,05$. RESULTADOS: Quanto aos antidepressivos, 46,87% já utilizaram algum desses medicamentos, sendo o escitalopram o mais consumido. Entre as causas destaca-se ansiedade (91,1%), depressão (46,7%) e, entre as consequências 48,9% dos estudantes revelaram sentir algum efeito adverso evidenciando sonolência diurna e redução da libido. Já, sobre os psicoestimulantes 63,5% já relataram seu uso, com cafeína, taurina e metilfenidato sendo os mais ingeridos. Seu uso tem como principal objetivo redução do sono (78,68%) e melhora na concentração (65,57%) e, quanto aos efeitos adversos 73,77% mencionaram sentir algo, sendo agitação, insônia e taquicardia os principais sintomas. CONCLUSÃO: A maioria dos estudantes recorre ao uso de antidepressivos e psicoestimulantes para conseguir atingir todas suas metas ao

invés de tratarem o problema base. Logo, um descaso com a própria saúde enquanto tanto zela pela saúde do próximo.

PALAVRAS-CHAVE: Estresse; Antidepressivos; Psicoestimulantes; Acadêmicos de medicina.

ANALYSIS OF THE USE OF ANTIDEPRESSANTS AND PSYCHOSTIMULANTS AND THEIR EFFECTS ON MEDICAL STUDENTS OF AN UNIVERSITY IN THE NORTHWEST OF PARANÁ

ABSTRACT: INTRODUCTION: The prelude to university life in medical students comes with a series of changes that lead to a high level of stress, and to overcome the duties imposed by the college combined with the student's own perfectionism, many resort to the use of antidepressants and psychostimulants. OBJECTIVES: this study brought as its main goal to verify the frequency, main medicine used, causes and consequences of antidepressant and psychostimulant use among medical students at a university in northwestern of Parana. METHODOLOGY: based on a sample of 96 students from first to eighth semester, an online questionnaire was applied with socio-behavioral and educational variables with statistical evaluation using the chi-square test considering $p < 0.05$. RESULTS: As for antidepressants, 46.87% have already used any of these medicines, being escitalopram the most consumed. Among the causes, anxiety (91.1%) and depression (46.7%) and, among the consequences 48.9% of the students revealed feeling some adverse effect showing daytime sleepiness and libido reduction. Now, about psychostimulants 63.5% already reported their use, with caffeine, taurine and methylphenidate being the most ingested. Its main purpose is to reduce sleep (78.68%) and improve concentration (65.57%) and, as for adverse effects 73.77% mentioned feeling something, being agitation, sleeplessness and tachycardia the main symptoms. CONCLUSION: Most of the students use antidepressants and psychostimulants to achieve all their goals instead of deal with the base problem. Therefore, a disregard for one's own health while caring for the health of others.

KEYWORDS: Stress; Antidepressants; Psychostimulants; Medical students.

1 | INTRODUÇÃO

Cursar medicina é um sonho de milhares de jovens brasileiros. No entanto, ao digitar na plataforma *google* “estudantes de medicina” o que aparece na maioria dos sites não são notícias animadoras e, destaca-se a luta entre ser médico e ser uma pessoa saudável, sobretudo mentalmente. Isso se torna algo no mínimo risível, já que são esses que cuidam da saúde da população.

Segundo o Ministério da Educação (MEC), durante a formação médica,

antes mesmo de adentrar na vida acadêmica, os alunos passam por vestibulares concorridos o que é fato suficiente a causar aos agentes possíveis preocupações e ansiedades. Após essa primeira etapa que pode perdurar por anos, iniciam a faculdade de medicina com carga horária mínima de 7.200 horas, podendo ainda variar de 8.000 a 9.000 horas (GONZAGA, 2014). Nos 6 anos de graduação, mais uma etapa concorrida, geralmente, é cursada: a residência. Com isso, facilmente passam 10 anos de vida com alta carga de estudos, onde pode arrastar-se vida adentro, já que sempre devem se manter atualizados. Logo, a medicina pela própria natureza relaciona-se com o estresse.

O prelúdio da vida universitária é composto por uma série de mudanças como residir em outra cidade, fazer um novo grupo de amigos, ter maior autonomia, competitividade entre os estudantes, medo de cometer erros, trabalhar o equilíbrio entre o tempo de estudo e o tempo de vida social (MOREIRA, 2015). Dessa maneira, existem estudantes que se adaptam de diferentes formas, alguns podendo passar por sofrimento psíquico, ou seja, estresse.

O termo “estresse” surgiu em 1936 com o significado que conhecemos hoje, pelo fisiologista austríaco Hans Selye como alterações neuroendocrinológicas denominada Síndrome Geral da Adaptação (SGA). “Para Selye, a SGA se desenvolvia em três fases: de alarme (ou alerta), na qual as manifestações clínicas ao estresse são agudas e produzem mais força, energia e motivação; a fase de resistência, na qual o corpo tenta se restabelecer, desaparecendo as manifestações agudas e, para isto, consumindo muita energia, e, por fim, a fase de exaustão, com redução do organismo ao estresse, caracterizada por retorno dos sinais e sintomas da primeira fase, porém, agora com maior intensidade” (LIMA, 2016).

O curso de medicina é um desencadeante de estresse, e a persistência desse mantém hiperativado o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HALL, 2011), elevando os níveis séricos de glicocorticóides. Como consequência, o aumento de cortisol gera um “*déficit*” cognitivo devido à atrofia hipocampal por induzir remodelamento dendrítico das células piramidais do hipocampo e diminuir a neurogênese do giro denteado. Tendo em vista isso, o estresse é um dos principais predisponentes à depressão. Como exemplo, 60% dos episódios depressivos são antecidos de agentes estressores (JOCA, 2003).

Seguindo a linha tênue causa/consequência – estresse e depressão – na atualidade a depressão se tornou uma das maiores doenças incapacitantes, superando todos os diferentes cânceres somados e infecções pelo HIV (ÜSTÜN, 2002), sendo assim uma das maiores epidemias do século XXI, com mais de 300 milhões de pessoas afetadas nas mais diversas idades (OMS, 2018).

No meio acadêmico dos estudantes de medicina o mesmo é exemplificado, diferentes estudos evidenciam esse padrão, Baldassin et al. (2008) observou que

13,3% dos acadêmicos sofriam com sintomas depressivos moderados/severos. Em confronto, um estudo de Goiás (AMARAL, 2008) evidenciou uma prevalência de 26,8% entre alunos do 1º ao 6º ano. Muito se discute acerca das causas para esse padrão prevalente de depressão entre os estudantes de medicina, refletindo provável existência de diferentes agentes estressores, como perda de liberdade, alta cobrança, ausência de lazer e preocupação com o futuro (CYBULSKI, 2017).

Diante do surgimento dos sintomas depressivos os estudantes tendem a buscar por alternativas que melhorem a sua qualidade de vida e reduzam os sintomas danosos e incapacitantes. Uma forma bastante utilizada são os fármacos antidepressivos, dentre os principais, destaca-se os inibidores seletivos de recaptção de serotonina (ISRS), inibidores da recaptção de serotonina-norepinefrina (IRSN) e os atípicos.

Os fármacos inibidores seletivos da recaptção de serotonina, atuam sobre um transportador do terminal pré-sináptico (SERT), resultando em uma neurotransmissão serotoninérgica aumentada. Além disso, ocorre aumento contínuo da fosforilação do AMP cíclico e do fator de transcrição nuclear CREB, gerando aumento de fatores tróficos como BDNF, aumentando a neurogênese das células progenitoras do núcleo dentado e da zona subventricular (O'DONNELL, 2012).

A estimulação em excesso dos receptores 5-HT₂ podem gerar insônia, aumento de ansiedade, irritabilidade e redução da libido. Nos receptores 5-HT₂ espinhais, a ativação exacerbada pode gerar disfunção erétil, anorgasmia e retardo da ejaculação. A estimulação dos receptores 5-HT₃ é a responsável pelos efeitos gastrointestinais, como náuseas, vômitos e diarreia (O'DONNELL, 2012).

Já, os IRSN tem efeito sobre SERT e NET, prolongando as transmissões sinápticas adrenérgicas e serotoninérgicas, garantindo seu efeito antidepressivo.

E, por fim, os antidepressivos atípicos, sendo o principal fármaco a bupropiona, um agente inibitório de transportadores NET e DAT, apresentando efeito adicional sobre o transportador de monoaminas vesicular (VMAT₂) (O'DONNELL, 2012).

Além dos antidepressivos, devido as pressões impostas pela sociedade, e por si próprio, os estudantes recorrem aos fármacos psicoestimulantes para atingir toda e qualquer meta de forma perfeita. Os acadêmicos de medicina em razão da jornada de atividades extenuantes estão propensos a sofrer as pressões impostas diante de qualquer falha associada a perda da onipotência e o crescente medo por falhar durante a carreira médica. Como prova disso, no presente, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) os brasileiros entre 15 e 25 anos ficam na décima posição no ranking mundial em mortalidade por abuso de substâncias psicoativas.

As substâncias psicoativas são procuradas pelos alunos para auxiliar no estudo e aumento da concentração, manter estado de alerta, melhor desempenho na academia, usos em festas e perda de peso (DE LUNA, 2018). No caso da área da saúde o abuso de psicoativos merece ainda mais destaque, visto que o acesso

aos psicotrópicos é mais fácil pelo maior convívio com profissionais médicos tanto no meio familiar quanto acadêmico (SILVEIRA, 2015).

Em meio aos psicoestimulantes, o cloridrato de metilfenidato (Ritalina®) merece destaque, pois segundo Decotelli et al. (2013) houve um aumento de 94% no uso do medicamento. De 2000 a 2004, passou de 70mil caixas vendidas para 1.700.000, tornando o Brasil o segundo maior consumidor mundial da droga.

A Ritalina® é um fármaco estimulante fraco do Sistema Nervoso Central (SNC), com efeitos mais evidentes sobre as atividades mentais do que nas ações motoras. Mostra-se eficaz no tratamento da narcolepsia e no transtorno de “*déficit*” de atenção/hiperatividade. Os usuários tendem a acreditar que a Ritalina® melhora a cognição, porém, se o paciente não possuir déficit de atenção os efeitos podem ser prejudiciais, como anorexia, insônia, cefaleia, arritmia e dependência (CALAZANS, 2017).

Sobre o mecanismo de ação no SNC, o metilfenidato efetua a maior parte dos seus efeitos via liberação das aminas até as terminações nervosas. Seus principais transportadores são o de dopamina (DAT) e o VMAT2 e, é por ação nesses que os efeitos do metilfenidato ocorrem. Seus efeitos de alerta, anoréticos e estimulante de locomoção ocorrem devido a liberação de norepinefrina pelos neurônios centrais. Já alguns aspectos relacionados com a locomoção e comportamento são através da liberação de dopamina nas terminações nervosas dopaminérgicas, particularmente no neocórtex. E, no caso de doses mais elevadas por meio da liberação de serotonina e de dopamina no sistema mesolímbico podem ocorrer distúrbios de percepção e comportamento psicótico (WESTFALL, 2012).

Quanto aos efeitos adversos do fármaco, podem surgir uma série de consequências: no sistema cardiovascular pode gerar hipertensão, taquicardia e arritmia; contração do músculo vesical; estimulação do SNC em baixas doses. Em altas doses quase sempre geram depressão, fadiga, cefaleia, palpitação, tontura, apreensão, distúrbios vasomotores, agitação, confusão ou delírio; alteração do padrão de sono, demorando 2 meses para normalizar em uso prolongado; depressão do apetite e elevação do metabolismo por curto período (WESTFALL, 2012).

Outros psicoativos bastante utilizados são a cafeína, taurina e guaraná. Sobre a cafeína, por ser um estimulante natural seu efeito é considerado fisiológico onde o usuário pode não o perceber (SILVEIRA, 2015). Produz estado de alerta dentro de 15 a 45 minutos e, dependendo da dose há aumento dos batimentos cardíacos, da taxa de metabolismo basal, promoção de secreção ácida no estômago, broncodilatação e aumento da produção de urina. Em doses de 300mg ocorre uma melhora no rendimento tanto físico quanto intelectual, mas em doses de 600mg pode gerar confusões mentais e aumento de erros intelectuais.

Quanto ao guaraná, esse é processado lentamente, gerando efeito mais

prolongado do que a cafeína (SILVEIRA, 2015). A guaranina suprime o apetite e estimula o metabolismo, assim como a cafeína. Em relação a semente de guaraná há entre 5 e 6% de cafeína, logo, teor mais alto que o próprio café, que gira em torno de 2,5% (CARVALHO, 2006).

No que se refere a taurina é um dos compostos sintéticos que age como agonista de receptor de glicina gerando excitação no SNC além de modular negativamente o ácido gama-amino-butírico (GABA). Assim, é considerado um psicoestimulante por atuar nesses receptores, mas não como uma molécula produtora de energia (SILVEIRA, 2015).

Sob esta óptica, percebe-se a existência de um vasto número de psicoestimulantes, sendo amplamente utilizados tanto por acadêmicos do curso de medicina quanto por outras pessoas com dificuldade de concentração, devido ao mundo repleto de distrações. Somado a isso, a extensa lista de deveres faz com que a população procure algo que aumente sua capacidade de exercer tarefas no menor tempo possível.

Portanto, neste estudo será discutido acerca do uso de antidepressivos e/ou psicoestimulantes, além dos motivos para início da sua ingestão, a variação de uso por gênero e ano cursado e os principais efeitos adversos percebidos pelos acadêmicos.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do estudo, foram aplicados questionários aos acadêmicos do curso de Medicina do primeiro ao quarto ano, do Centro Universitário Cesumar (UNICESUMAR), no primeiro semestre de 2019. Os dados foram coletados por meio de um questionário online anônimo, através da plataforma *google* formulários, contendo variáveis sociocomportamentais e educacionais, além de questões que levantassem o uso de medicamentos antidepressivos e psicoestimulantes, assim como interferência dos mesmos na vida dos seus usuários. Anterior as perguntas do questionário, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para sua assinatura.

As variáveis sócio comportamentais e educacionais analisadas foram gênero, idade, estado civil, período e qualidade do sono, utilização de medicamento para dormir e desempenho acadêmico. Quanto ao uso dos medicamentos antidepressivos, foi avaliado uso, orientação médica, dúvidas quanto ao tratamento, tempo de uso, motivo de utilização, reações adversas, e tentativa de interrupção do tratamento. E, sobre os fármacos psicoativos, foi estudado seu uso, causas, indicação médica e reações adversas.

Os dados obtidos nos 96 questionários foram compilados em um banco de

dados do software *Microsoft Office Excel* 2010, dando azo a estatística apurada pelo teste Qui-Quadrado, para testar o nível de significância dos resultados cruzados, sendo esse nível fixado em $p < 0,05$.

3 | RESULTADOS

Participaram deste estudo 96 estudantes, 69 (71,9%) do gênero feminino e 27 (28,1%) do gênero masculino, com prevalência de 99% de solteiros. Com relação a idade dos entrevistados, observou-se uma variação entre 18 a 34 anos, tendo pico as idades de 18 a 22 anos, somando 75%. Quanto ao ano que está cursando, 21 (21,9%) pertenciam ao 1º ano, 27 (28,1%) ao 2º, 30 (31,3%) ao 3º e 18 (18,8%) ao quarto, sendo que do total 20 (20,8%) já haviam pego dependência.

Sobre a qualidade do sono, 61 (63,5%) referiam um período de sono irregular, tendo a maioria (51%) menos de 6 horas de sono diárias e, apenas 34 (35,4%) consideram seu sono de boa qualidade, 44 (45,8%) regular e 18 (18,8%) ruim. E, 17 (17,7%) relataram utilizar medicamento para dormir. A Tabela 1 descreve a amostra.

Variável	N	%
Sexo (n=96)		
Feminino	69	71,9
Masculino	27	28,1
Idade (anos) (n=96)		
18 a 22 anos	72	75
Acima de 22 anos	24	25
Ano do curso		
1º	21	21,9
2º	27	28,1
3º	30	31,3
4º	18	18,8
Sono (horas por dia)		
Boa qualidade	34	35,4
Regular	44	45,8
Ruim	18	18,1

Tabela 1: Descrição da amostra dos participantes da pesquisa do curso de Medicina de uma Universidade da região do Noroeste do Paraná, Brasil, 2019 (N = 96)

Quanto aos antidepressivos, dos 96 participantes da pesquisa, 45 (46,87%) já utilizaram, sendo o escitalopram o fármaco mais consumido. O gráfico 1 evidencia os principais medicamentos citados no questionário, comprovando que a classe mais utilizada é a dos inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS), seguido dos inibidores da recaptção de norepinefrina-serotonina (IRNS) e por fim os atípicos.

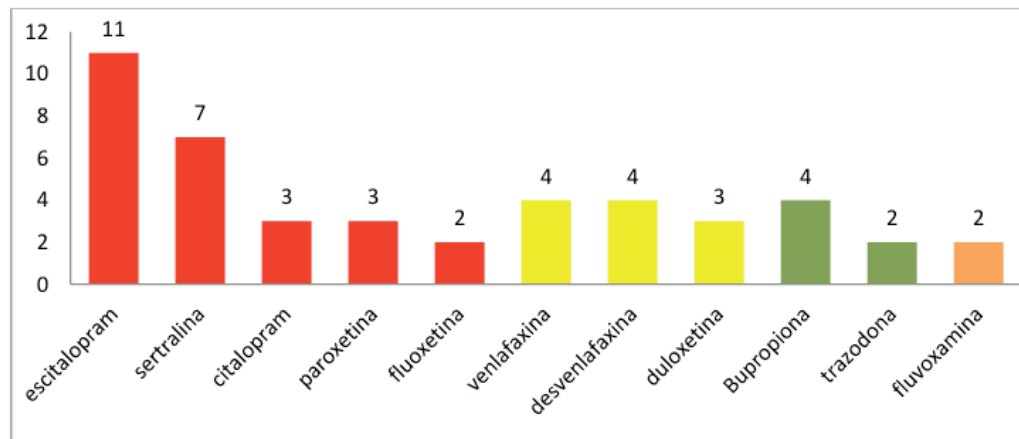


Gráfico 1: Principais medicamentos utilizados pelos acadêmicos de medicina da Universidade da região do Noroeste do Paraná, Brasil, 2019

Fonte: dados da pesquisa

Entre os acadêmicos usuários de antidepressivos, dos 27 homens participantes desta pesquisa, 37,03% (10 participantes) utilizam algum medicamento e das 69 mulheres, 31,89% (22 participantes). O teste Qui-Quadrado apresentou $p=0,279278$, o que não demonstra evidências estatísticas de que o gênero influencie no uso dos medicamentos. O gráfico 2 retrata a curva de utilização dos antidepressivos em relação ao ano cursado ($p=0,164802$).

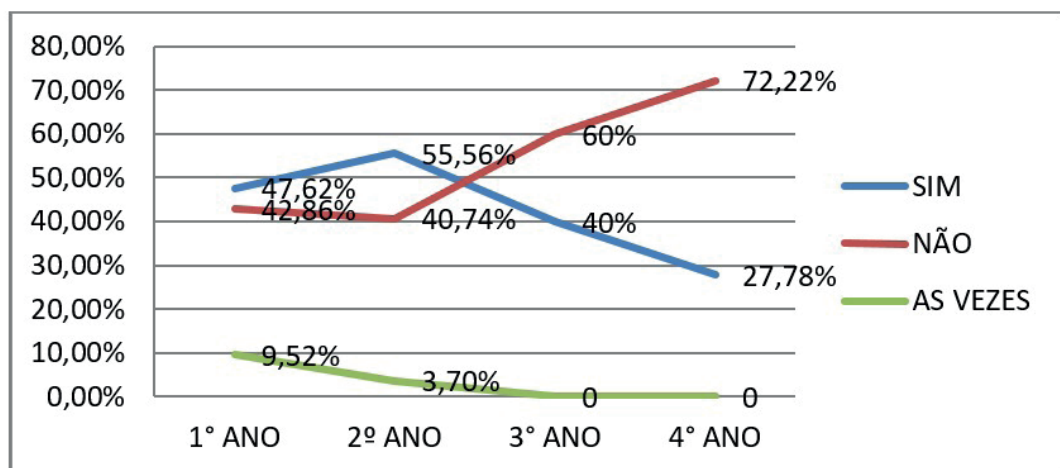


Gráfico 2. Utilização dos antidepressivos em relação ao ano cursado entre alunos de Medicina da Universidade da região do Noroeste do Paraná, Brasil, 2019.

Fonte: dados da pesquisa

Observa-se no gráfico 2, que o maior consumo dos antidepressivos aconteceu durante o primeiro (10 alunos dos 21 entrevistados) e segundo ano (15 alunos dos 27 entrevistados) do curso quando comparado ao terceiro e quarto anos. O segundo ano do curso apresenta uma carga horária extensa, exigindo mais dos alunos neste período, o que poderia explicar esse número apresentado em nosso estudo.

Os discentes receberam orientação médica sobre o que consumiam, sendo que desses 64,4% obteve indicação do uso por médico psiquiatra e 35,6% por outra especialidade médica. Desses, a grande maioria (87%) não tinha dúvida sobre o tratamento.

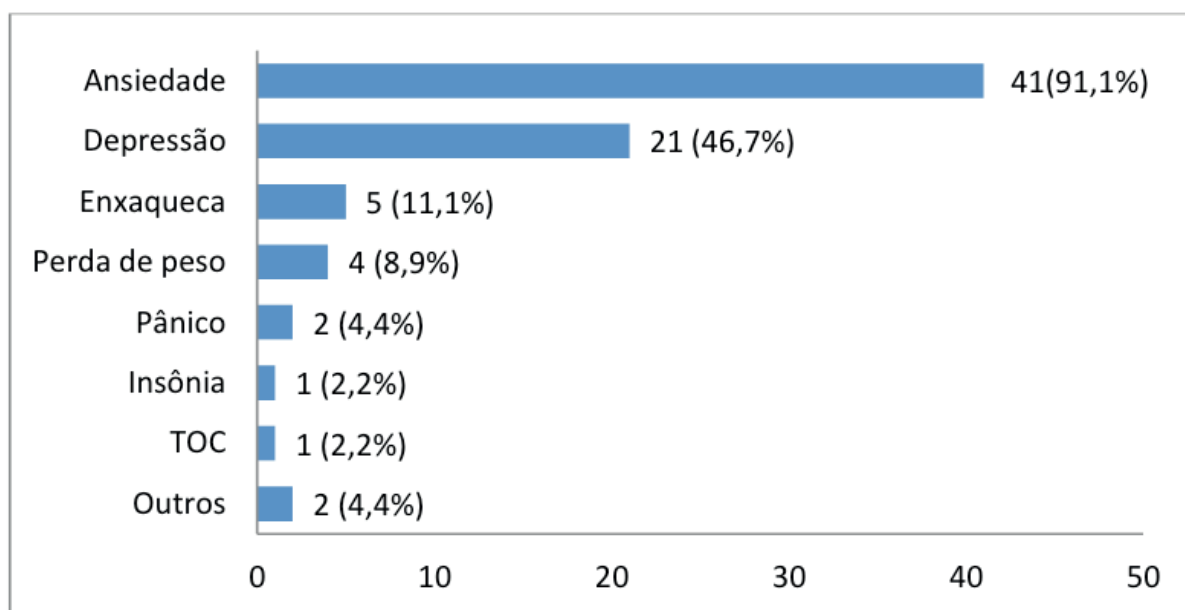


Gráfico 3: Principais motivos que levaram os acadêmicos de medicina de uma Universidade da região noroeste do Paraná ao consumo de antidepressivos, Brasil, 2019.

Fonte: dados da pesquisa

Com os dados expostos no gráfico 3, tem-se que a depressão e a ansiedade foram as principais causas do uso de antidepressivos pelos alunos. A ansiedade foi a maior causa em relação as 45 respostas dos alunos que relataram fazer uso. O curso de medicina exige responsabilidade e comprometimento do aluno, o que muitas vezes acarreta em um sentimento de cobrança dos familiares, amigos e de si mesmo, o que poderia justificar os resultados acima apresentados.

Entre os acadêmicos usuários de antidepressivos, 48,9% referiram que já sentiram algum efeito adverso ao utilizar o medicamento, e entre os efeitos adversos relatados, sonolência diurna e redução do libido se mostram os mais presentes.

A pesquisa revelou ainda, que 22,2% já aumentaram a dose sem consultar um médico e metade já tentou interromper o tratamento.

Em relação aos psicoativos, dos 96 entrevistados, 61 (63,5%) refere que fez uso de algum fármaco psicoestimulante nos últimos 6 meses. Dentre os fármacos referidos, destaca-se a cafeína e a taurina, como mostra o gráfico 4.

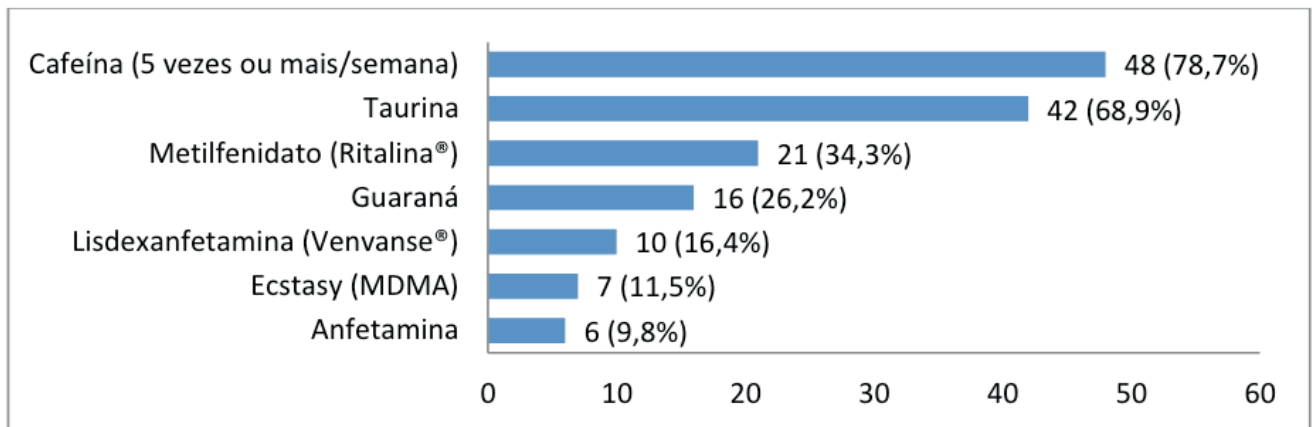


Gráfico 4: Os psicoestimulantes mais utilizados entre os acadêmicos do curso de Medicina da Universidade da região do Noroeste do Paraná, Brasil, 2019.

Fonte: dados da pesquisa

Entre os participantes da pesquisa, 66,67% dos homens e 62,31% das mulheres utilizam psicoativos. Com relação ao ano acadêmico ($p=0,577625$), o gráfico 5 demonstra a curva de utilização, evidenciando pico no segundo ano.

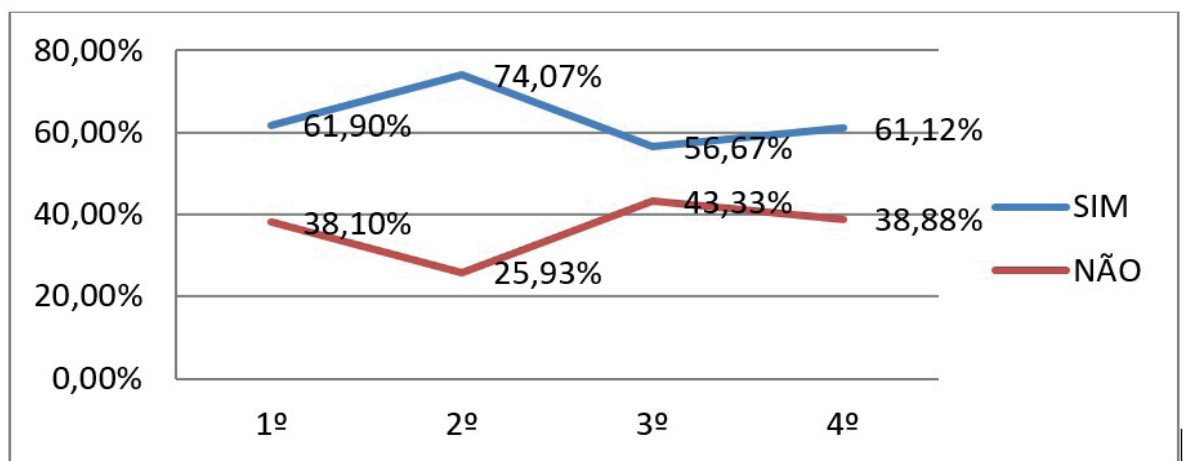


Gráfico 5: Utilização dos psicoestimulantes em relação ao ano cursado entre alunos de Medicina da Universidade da região do Noroeste do Paraná, Brasil, 2019.

Fonte: dados da pesquisa

Quanto ao motivo de utilização, o gráfico 6 apresenta os principais, com 65,6% buscando melhora na concentração e 78,7% redução do sono.

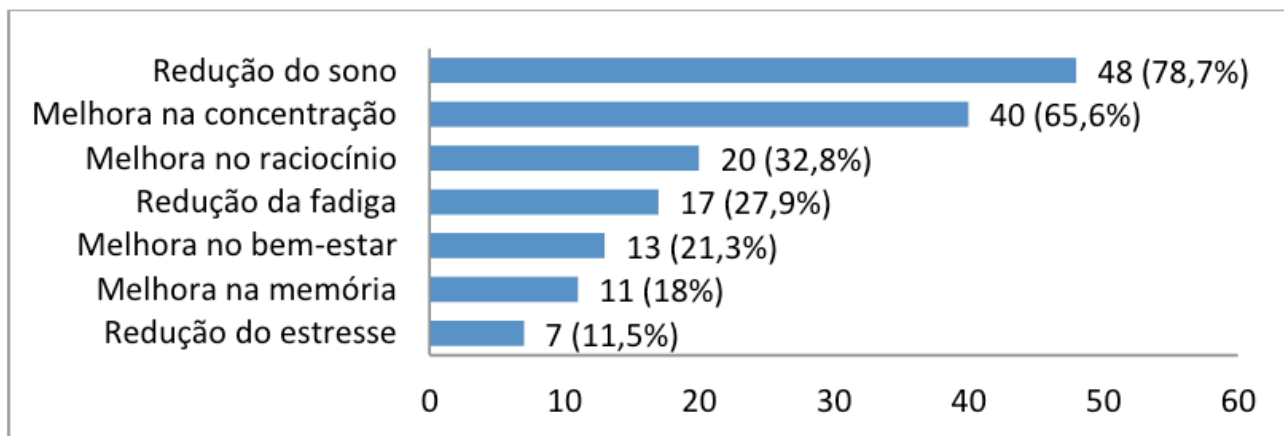


Gráfico 6. Principais motivos indicados pelos acadêmicos de Medicina que levaram ao uso de psicoestimulantes em uma Universidade da região Noroeste do Paraná, Brasil, 2019.

Fonte: dados da pesquisa

Dos consumidores de psicoativos, a grande maioria (85,2%) não possui indicação médica. Dos 61 participantes, 45 referiram sentir algum efeito adverso. O gráfico 7 apresenta os mais relatados, como taquicardia, insônia, agitação, tremores e boca seca.

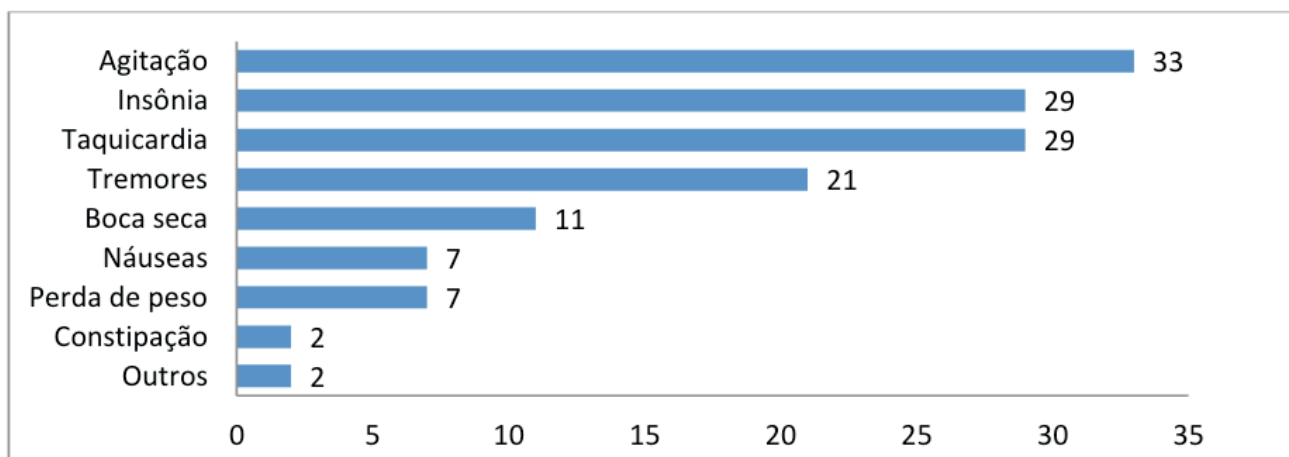


Gráfico 7: Principais efeitos adversos relatados pelos acadêmicos de uma Universidade da região Noroeste do Paraná sob o uso de psicoestimulantes, Brasil, 2019.

Fonte: dados da pesquisa

4 | DISCUSSÃO

O objetivo inicial desta pesquisa foi determinar a prevalência do uso de antidepressivos e psicoestimulantes, além dos motivos de ingestão e efeitos percebidos.

De acordo com a percepção pessoal dos participantes, 18,8% consideram sua qualidade de sono ruim, Silva et al. (2017) encontrou valores de 37,1%, De Castro Corrêa et al. (2017) 39,5% enquanto Cardoso et al. (2009) encontrou 22,8%.

Com isso observa-se valores abaixo da média nesse estudo, possivelmente pela amostra ser do 1º ao 4º ano enquanto os demais eram do 1º ao 6º, em razão dos ciclos básico e clínico exigirem menos horas de estudo diárias e ausência de plantões. Em oposição, a duração do sono se mostrou menor do que outras pesquisas com 51% dormindo menos de 6 horas diárias, ao passo que, Silva et al. (2017) constatou uma média de sono diária de 6,13 horas, o que hipotetiza um sono mais reparador apesar de menos duradouro.

No tocante aos antidepressivos, a pesquisa desenvolvida apurou o resultado de 46,87% de participantes que já utilizaram algum antidepressivo, um número elevado em relação a um estudo de Ponta Grossa, o qual apresentou valores de 29,15% (CYBULSKI, 2017). Com relação ao ano acadêmico, houve pico de 55,56% no segundo ano, o que difere de Cybulsky et al. (2017) que obteve ápice no quarto ano com 47,09% de usuários. Dessa forma, as variações nesse quesito possivelmente estão relacionadas as diferentes grades curriculares de cada faculdade.

De uma forma geral, os inibidores seletivos da recaptção de serotonina são os fármacos mais utilizados, o que fica comprovado nesta análise, sendo aqui o escitalopram o mais consumido (24,44%) seguido de sertralina (15,55%) e venlafaxina, desvenlafaxina e bupropiona, ambos com 8,88%. De forma muito similar, foi encontrado por Cybulsky et al. (2017) os mesmo fármacos, tendo 27,78% de consumo de escitalopram, 22,22% de sertralina e 16,67% de venlafaxina. Em contraste, um estudo de São Paulo apontou a fluoxetina como o mais utilizado (33,30%), seguido da sertralina (15,20%) (RIBEIRO, 2014). Uma hipótese da variação seria a disponibilidade de fluoxetina pelo SUS e o fato da patente do escitalopram ter sido encerrada em 2012, o que popularizou no mercado brasileiro.

Foi demonstrado maior prevalência o gênero masculino, com 37,03% da amostra masculina fazendo uso de algum medicamento, o que contrapõe com dados Sadock, (2010), no qual encontra proporção de duas mulheres para um homem e Adewuia et al. (2006) que também encontrou maior prevalência feminina.

Nesta pesquisa todos (100%) foram orientados quanto ao uso dos antidepressivos, tendo em um estudo de Ribeiro et al. (2014) valor aproximado de 97%, sendo que na atual pesquisa a minoria (13%) tinha dúvidas acerca do tratamento, à medida que a de Ribeiro et al. (2014) atestou o mesmo, apenas 21,2% referiram dúvidas. Essas informações constata o avanço ao acesso à informação por parte da população e também pelo conhecimento adquirido ao longo do curso.

Dentre os motivos que levaram ao uso desses fármacos a ansiedade e a depressão disparam frente aos outros, com 91,1% e 46,7%, respectivamente, como está demonstrado na imagem 3. Vasconcelos et al. (2015) alegou em seu estudo que 19,7% dos acadêmicos manifestaram sintomas sugestivos de ansiedade e 5,6% de depressão. Contrapondo, Barbosa et al. (2012), 30% de compatibilidade com

quadros depressivos. O que justifica e comprova a razão do uso dos medicamentos.

Os efeitos adversos relatados pelos alunos dessa pesquisa, tem como destaque sonolência diurna (71,4%), redução da libido (52,4%), boca seca, ganho de peso, nervosismo, visão embaçada e náuseas e vômitos, com 23,8% cada. Em outro estudo realizado em Maringá com amostra de acadêmicos de diversos cursos, os efeitos colaterais mais relatados foram sonolência diurna (34,29%), boca seca (31,43%), ansiedade (28,57%), insônia (25,71%) e ganho de peso (25,71%) (SCOLARO, 2010).

Nesta pesquisa 22,2% dos entrevistados já aumentaram a dose sem consultar um médico, o que se demonstra curioso pois a amostra é composta por estudantes de medicina e deveriam reconhecer a importância da opinião de um médico. No mesmo grupo, metade já tentou interromper o tratamento por conta própria, ao passo que, Ribeiro et al. (2014) encontrou valores de 9,1% de aumento de dose e 45,4% de tentativa de interrupção.

Em relação aos psicoestimulantes, 63,5% dos 96 alunos já fizeram uso dos mesmos, um estudo na cidade de Rio Grande evidenciou 51,3% (MORGAN, 2017) e outro do sul de Minas Gerais encontrou 57% (SILVEIRA, 2015). Ficou evidente nesse projeto um pico de utilização de estimulantes cerebrais no 2º ano do curso, o que pode ser causado devido ao aumento das matérias da grade curricular. Além disso, ocorre uma queda no 3º ano possivelmente por adaptação à grade e às exigências do curso associado também a entrada no ciclo clínico.

Sobre os fármacos psicoestimulantes mais consumidos, apresentam-se como mais prevalentes a cafeína (78,7%), seguida da taurina (68,9%), metilfenidato (34,4%), e guaraná (26,2%). Morgan et al. (2017) encontrou a taurina (38%) como mais utilizado seguido de cafeína (27%), e Silveira et al. (2015) 55,66% utilizavam cafeína enquanto 18,86% taurina e 10,37% guaranina.

Em relação ao gênero, 66,67% dos usuários se intitularam do sexo masculino, enquanto 62,31% do sexo feminino. Em contrapartida, há uma inversão em um estudo do sul de Minas Gerais de Morgan et al. (2017), no qual a maioria dos consumidores eram mulheres.

Dos consumidores de psicoestimulantes, 85,2% não possuem indicação médica para tal, e em um estudo em Portugal apresentou 43,7% dos participantes com prescrição médica para uso e 35,7% sem (CARDOSO, 2010). Supõe-se que este elevado número de pessoas que possuem prescrição médica na Europa seja devido a maior restrição ao acesso de medicamentos, enquanto no Brasil, vários fármacos são de venda livre e algumas farmácias persistem em vender remédios sem receita. Reforçando essa teoria, um estudo também brasileiro, do Sul de Minas Gerais revelou que 95,45% dos usuários de psicoestimulantes não possuem prescrição médica (SILVEIRA, 2015).

Sobre a motivação para o início da ingestão dos estimulantes cerebrais, esse estudo corrobora que 78,7% dos participantes apresentam redução do sono como motivo de utilização, 65,6% melhora na concentração, assim como encontrado em pesquisas do Equador (ESTEVEZ GARCIA, 2014) e de Portugal (GRAÇA, 2013), nos quais as mesmas causas foram as mais identificadas. Outras razões averiguadas nesta análise foram melhora no raciocínio, redução da fadiga, melhora no bem-estar, melhora na memória e redução do estresse. Muito provavelmente esse alto uso seja devido a carga horária elevada e a extensa quantidade de conteúdo que exige um estudo que se estenda além das horas presenciais, justificando o dado encontrado de redução do sono e melhora na concentração.

Segundo fonte própria, os efeitos adversos mais relevantes foram agitação, taquicardia, insônia e tremores, o mesmo que foi demonstrado por Estevez Garcia et al. (2014), o que reforça a validade dos dados.

Por conseguinte, os dados coletados a partir dessa pesquisa podem subsidiar políticas de intervenção tanto no meio educacional do curso de medicina quanto em políticas de saúde pública, afim de promover conhecimento acerca destes fármacos e gerar médicos mais conscientes com sua própria saúde.

5 | CONCLUSÃO

A formação médica é desde o princípio rodeada por mudanças que concebe instabilidade emocional facilitando o caminho para o uso de antidepressivos e psicoestimulantes. Na busca por atingir as metas propostas pelo curso e por si próprio, quase metade dos acadêmicos encontram nos antidepressivos um refúgio da ansiedade e mais da metade alcança nos psicoestimulantes o meio de cumprir as tarefas planejadas. Diferente do que era esperado, o pico de uso desses fármacos se mostrou no segundo ano, ao invés de ter uma crescente ao longo dos anos de acordo com a evolução da complexidade do curso. Dessa forma, os resultados reiteram o descaso dos acadêmicos com a própria saúde e o inquestionável dos seus atos, podendo prejudicar a futura prática clínica dos que tanto estudam para zelar pela saúde e bem-estar da sociedade.

REFERÊNCIAS

ADEWUIA AO, OLA BA, ALOBA OO, MAPAYI BM, OGinni OO. **Depression amongst Nigerian university students: prevalence and sociodemographic correlates.** Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol; 41(8): p. 674-678, 2006.

AMARAL, Geraldo Francisco do et al. **Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: um estudo de prevalência.** Rev Psiquiatr Rio Gd Sul, v. 30, n. 2, p. 124-30, 2008.

- BALDASSIN, Sergio et al. **The characteristics of depressive symptoms in medical students during medical education and training: a cross-sectional study**. BMC medical education, v. 8, n. 1, p. 60, 2008.
- BARBOSA, Khivia Kiss Silva et al. **Sintomas depressivos e ideação suicida em enfermeiros e médicos da assistência hospitalar**. Revista de Enfermagem da UFSM, v. 2, n. 3, p. 515-522, 2012.
- CALAZANS, Ana Gabriele Celestino; BELO, Renata França Cassimiro. **Prevalência do uso de metilfenidato por estudantes ingressantes nas universidades do município de Sete Lagoas/ MG**. Revista Brasileira de Ciências da Vida, v. 5, n. 1, 2017.
- CARDOSO, Ana Rita Pedroso Azenha. **Utilização de psicoestimulantes por estudantes de medicina**. 2010. Dissertação de Mestrado.
- CARDOSO, Hígor Chagas et al. **Avaliação da qualidade do sono em estudantes de Medicina**. Rev. bras. educ. méd, v. 33, n. 3, p. 349-355, 2009.
- CARVALHO, Joelia Marques de et al. **Perfil dos principais componentes em bebidas energéticas: cafeína, taurina, guaraná e glucoronolactona**. Revista do Instituto Adolfo Lutz (Impresso), v. 65, n. 2, p. 78-85, 2006.
- CYBULSKI, Cynthia Ajus; MANSANI, Fabiana Postiglione. **Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa**. Rev. bras. educ. méd, v. 41, n. 1, p. 92-101, 2017.
- DE CASTRO CORRÊA, Camila et al. **Qualidade de sono em estudantes de medicina: comparação das diferentes fases do curso**. Jornal Brasileiro de Pneumologia, v. 43, n. 4, p. 285-289, 2017.
- DE LUNA, Ilanna Sobral et al. **Consumo de psicofármacos entre alunos de medicina do primeiro e sexto ano de uma universidade do estado de São Paulo**. In: Colloquium Vitae. ISSN: 1984-6436. 2018. p. 22-28.
- DECOTELLI, Kely Magalhães; BOHRER, Luiz Carlos Teixeira; DE BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. **A droga da obediência: medicalização, infância e biopoder – notas sobre clínica e política**. Psicologia Ciência e Profissão, v. 33, n. 2, p. 446-459, 2013.
- ESTÉVEZ GARCÍA, Rommel Sebastián; RAMOS CEVALLOS, Daniel Alfonso. **Prevalencia de consumo de sustancias psicoestimulantes y factores asociados, para aumentar el rendimiento académico, en estudiantes de primero a decimo nivel de la facultad de medicina de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador desde noviembre de 2013 a enero de 2014**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontificia Universidad Católica del Ecuador.
- GONZAGA, Hugo Norberto; KORMANN, Sérgio Octavio. **A carga horária excessiva do curso de graduação em Medicina e sua repercussão na Saúde Mental do estudante**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, v. 6, n. 13, p. 156, 2014.
- GRAÇA, Carina Susana Gouveia da. **Consumo de estimulantes cerebrais nos estudantes de Medicina da Universidade da Beira Interior**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade da Beira Interior.
- HALL, JE. **Tratado de fisiologia médica de Guyton & Hall**. 12 ed. Elsevier, Rio de Janeiro. 2011. p. 978.
- JOCA, Sâmia Regiane L.; PADOVAN, Cláudia Maria; GUIMARÃES, Francisco Silveira. **Estresse, depressão e hipocampo**. Rev Bras Psiquiatr, v. 25, n. Supl II, p. 46-51, 2003.

LIMA, Rebeca Ludmila de et al. **Estresse do estudante de medicina e rendimento acadêmico**. Rev. bras. educ. méd, v. 40, n. 4, p. 678-684, 2016.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz; VASCONCELLOS, Rafael Luiz dos Santos Silva; HEATHII, Nancy. **Estresse na Formação médica: como Lidar com Essa realidade?**. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 39, n. 4, p. 558-564, 2015.

MORGAN, Henri Luiz et al. **Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos**. Rev. bras. educ. med, v. 41, n. 1, p. 102-109, 2017.

O'DONNELL JM, Shelton RC. **Tratamento farmacológico da depressão e dos transtornos de ansiedade**. In : Brunton LL, org; Chabner BA, org; Knollmann BC, org. As bases farmacológicas da terapêutica de Goodman & Gilman. 12.ed. São Paulo :AMGH; 2012. p. 405.

OMS. **Neurociência do consumo e dependência de substancias psicoativas**. 2004. Disponível em: www.who.int/substance_abuse/publications/en/Neuroscience_P.pdf

OMS. **Depression**. 2018. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/depression>. Acesso em: 22 jul. 2019.

RIBEIRO, Aline Granada et al. **Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, p. 1825-1833, 2014.

SADOCK, BJ; SADOCK VA; RUIZ, P. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica de Kaplan & Sadock**. 11 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. p. 349.

SCOLARO, Letycia Longhi; DE BASTIANI, Diego; MELLA, Eliane Aparecida Campesatto. **Avaliação do uso de antidepressivos por estudantes de uma instituição de ensino superior**. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 14, n. 3, 2010.

SILVA, Samuel Campos; ROMÃO, Mariluce Ferreira. **Avaliação da qualidade do sono dos acadêmicos de medicina do método de aprendizagem baseada em problemas**. Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria, v. 21, n. 3, 2017.

SILVEIRA, Viviane Lunes et al. **Uso de psicoestimulantes por acadêmicos de medicina de uma universidade do Sul de Minas Gerais**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v. 13, n. 2, p. 186-192, 2015.

ÜSTÜN, T., & Kessler, R. (2002). **Global burden of depressive disorders: The issue of duration**. British Journal of Psychiatry, 181(3), 181-183. doi:10.1192/bjp.181.3.181

VASCONCELOS, Tatheane Couto de et al. **Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina**. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 39, n. 1, p. 135-142, 2015.

WESTFALL TC, Westfall DP. **Agonistas e antagonistas adrenérgicos**. In : Brunton LL, org; Chabner BA, org; Knollmann BC, org. As bases farmacológicas da terapêutica de Goodman & Gilman. 12.ed. São Paulo: AMGH; 2012. p. 297-301.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agrotóxicos 36, 37, 38, 39, 40, 41

Amblyomma sculptum 80, 81, 85, 86

Anestesiologia 93, 96, 97, 98, 101, 102

Antidepressivos 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64

B

Bactéria 74, 81, 118, 119, 120, 121

Biodiversidade 1, 2, 3, 6, 8, 9

Bromatologia 183

Burnout 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 95, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211

C

Campanhas públicas 154

Carne 123, 124, 125, 126, 131

Carrapatos 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 92

Coliforme 132, 183

Comunicação em Saúde 154, 155, 156, 157, 158, 160, 166, 167, 168

D

Determinação da Personalidade 43

Disfonia 65, 67, 69

Doença Meningocócica 118, 119, 122

E

Educação 11, 19, 40, 41, 42, 50, 64, 71, 78, 95, 99, 117, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 166, 167, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 180, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212

Educação física 201, 202, 204, 205, 211

Envelhecimento 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110

Equipe de enfermagem 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 133, 137, 139

Esgotamento Profissional 43, 208, 211

Estresse 34, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 62, 63, 64, 65, 94, 95, 96, 103, 104, 106, 110, 111, 201, 203, 204, 205, 208, 210

Estudantes de Ciências da Saúde 43

F

Febre maculosa brasileira 80, 81, 89

I

Impactos antrópicos 1, 3, 8

Infecção 20, 77, 82, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 160, 173, 181, 190, 191, 199

L

Legislação 38, 72, 73, 76

M

Material biológico 28, 29

Maternidade 189, 190, 191, 193, 194, 200

Meio Ambiente 19, 24, 38, 39, 82, 97, 182, 183, 184, 187

Melatonina 103, 104, 106

Microbiologia 72, 74, 132

Microcefalia 155, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200

O

Ostra 71, 72, 74, 79

P

Pesquisa qualitativa 155, 168, 191, 199

Políticas públicas 10, 12, 18, 38, 171, 175, 180

Pomerano 11 12

Produtores de banana 36, 38, 39

Professor 10, 14, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 65, 69, 202, 203, 204, 210

Promoção de saúde 136, 171, 179, 180, 184

Pseudomonas aeruginosa 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 182, 183, 185, 186

Psicoestimulantes 49, 50, 52, 53, 54, 58, 59, 61, 62, 63, 64

Q

Qualidade de vida 15, 47, 52, 136, 144, 157, 174, 189, 198, 202

Qualidade do sono 47, 54, 55, 63, 64, 65, 67, 68, 69

Qualidade vocal 65, 68, 69

R

Redes sociais de apoio 171, 181

Resposta imune 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111

Risco ocupacional 93

Rodas de conversa 154, 155, 158, 159, 160, 162, 163

S

Salmonella spp 75, 79, 123, 124, 125

Saneamento Básico 10, 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 25, 164

Saúde do trabalhador 28, 35, 44, 47, 94, 151

Saúde humana 2, 36, 37, 38, 39, 73, 100

Segurança hospitalar 93

Staphylococcus 72, 75, 77, 79, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 131

T

Transtornos Traumáticos Cumulativos 134

Trypanosoma cruzi 104, 105, 112, 113, 114, 115

Z

Zoonoses 1, 2

 **Atena**
Editora

2 0 2 0